Sincretismo Religioso

Pequeno estudo sobre alguns sincretismos religiosos surgidos no Brasil entre 1500 e 2000

Apostila 02
Curso EAD

CATIMBÓ
OU
CULTO À JUREMA

Catimbó ou Culto à Jurema

Antes do surgimento dos primeiros quilombos, os africanos que conseguiam sucesso em suas fugas só conseguiam abrigo nas aldeias indígenas do interior.

Mais do que abrigar os primeiros africanos bantos fugidos das senzalas, as aldeias indígenas abrigariam toda a cultura e religiosidade deles, que acabaria por influenciar sua própria cultura e religiosidade.

Catimbó ou Culto a Jurema

Foi muito provavelmente no nordeste do século XVII, que uma pequena parcela de religiosidade banto acabou se misturando ao sincretismo ameríndio-católica do interior, levando ao surgimento da primeira religião sincrética brasileira surgida da fusão religiosa dos três povos formadores do país: o Catimbó, também conhecido como Culto à Jurema.

Catimbó ou Culto à Jurema

O Catimbó é uma religião que existe até os dias de hoje e pode ser encontrado em praticamente todo o nordeste, principalmente no interior.

Sua principal matriz religiosa é a ameríndia, misturada a elementos católicos portugueses e com menor ou maior influência africana dependendo do lugar de reunião.

Catimbó ou Culto à Jurema

Apesar de também existirem a incorporação de Caboclos no Catimbó, seu culto baseia-se principais nas entidades conhecidas como Mestres da Jurema (ou apenas Mestres).

É através deles que se realiza o principal trabalho das entidades do Catimbó, a cura de doenças e a receita de remédios para os males físicos, podendo também ocorrer trabalhos para solucionar alguns problemas materiais e amorosos.

Cabe também aos Mestres e aos Caboclos realizar a limpeza espiritual dos adeptos e a expulsar maus espíritos das pessoas.

Catimbó ou Culto à Jurema

Os Mestres são entidades que se especializam em determinada erva ou raiz e que guardam muito do comportamento e personalidade de sua última encarnação, o que os torna muito naturais e espontâneos, além de possuírem uma forte ligação com a sua caracterização física.

Seu símbolo é o cachimbo e em seus assentamentos é sempre encontrado um fumo de rolo.

Uma característica que chama a atenção é que não existem Mestres do bem ou do mal: eles tanto podem trabalhar para um quanto para o outro, dependendo da orientação do local de culto e do médium.


JUREMA
Árvore Mãe

CASAS DE CANDOMBLÉ

Casas de Candomblé

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, cresce o número de cidades em todo o país.

Devido a esse fato, surge uma situação completamente nova em todo o território colonial: o aumento do número de negros e mulatos alforriados (livres) e de escravos circulando com relativa liberdade nessas áreas urbanas.

Casas de Candomblé

É a partir das residências desses negros e mulatos livres, localizadas em sua grande maioria em casebres e cortiços, que as manifestações religiosas de origem africana encontraram condições mínimas para se desenvolverem, locais onde os afrodescendentes poderiam realizar suas festas com certa frequência e construírem e preservarem os altares com os recipientes consagrados aos seus deuses. E são nessas residências que surge, em fins do século XVIII e início do século XIX, uma nova manifestação sincrética brasileira, que ficou conhecida na Bahia como Casas de Candomblé.

Casas de Candomblé

O Candomblé surge com base no fortalecimento das tradições religiosas bantos preservadas no sincretismo do Calundu e a assimilação de algumas poucas práticas indígenas que sobreviviam nos quilombos e nas aldeias indígenas dos arredores deles.

É interessante notar a importante relação de ajuda mútua que existia entre as Casas de Candomblé e os quilombos que se localizavam mais próximo das zonas urbanas.

Casas de Candomblé

Devido a servirem como moradia e também como local de culto, as Casas de Candomblé se estruturam com base nas "famílias de santo", que estabeleceu entre seus adeptos uma espécie de parentesco religioso, característica que foi um importante legado a outras religiões sincréticas que se originaram a partir dele.



Ilê Axé Opô Aganju

Os Sudaneses

Os Sudaneses

A partir da década de 1840 intensifica-se o tráfico de escravos da etnia sudanesa através da Rota da Mina, que tinha como origem os portos africanos de Lagos, Calabar e, principalmente, São Jorge da Mina, superando no período todas as demais em termos de escravos trazidos ao Brasil.

A etnia sudanesa era originada principalmente da África Ocidental, na região onde hoje estão localizados Nigéria, Benin, Togo e Gana e é formada pelos povos iorubá, ewe, fon e mahin, entre outros.

Os Sudaneses

À semelhança do que ocorreu com a etnia banto, muitos escravos da etnia sudanesa ficaram conhecidos como mina no Brasil, em virtude do porto em que embarcavam na África: São Jorge da Mina.

Apesar de inicialmente muitos terem ficados conhecidos apenas como mina, ao longo do século XIX os escravos da etnia sudanesa passaram a ser conhecidos sobre outra nomenclatura, devido a rivalidade e a diferença cultural existente entre os povos iorubá e ewe/fon, que foi transportada da África para o Brasil junto com eles.



Os Sudaneses

Dessa forma, o povo iorubá passou a ser conhecido no Brasil como mina-nagô ou nagô, enquanto os povos ewe, fon e mahin ficaram conhecidos como mina-jeje ou jeje, termo este que advém do iorubá adjeje que significa estrangeiro, forasteiro e era usada de forma pejorativa pelos iorubás para designar as pessoas que habitavam a leste de seu território.

Os Sudaneses

Os nagôs que foram trazidos para o Brasil tinham como idioma a língua iorubá e cultuavam um deus supremo chamado de Olorun ou Olodumaré e a natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Orixás.

Apesar de na África existirem cerca de 400 Orixás, a grande maioria deles era cultuada em apenas uma cidade, aldeia ou tribo, sendo poucos os que possuíam um culto em várias localidades.

Os Sudaneses

Os jejes que foram trazidos para o Brasil cultuavam uma divindade suprema chamada de Mawu e a natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Voduns.

Apesar de na África existirem cerca de 450 Voduns, e a exemplo do que ocorreu com os Orixás, a grande maioria deles era cultuada em apenas uma cidade, aldeia ou tribo, sendo poucos os que possuíam um culto em várias localidades.



Fonte: http://www.fapema.br/

Os Sudaneses

Assim como ocorreu com os bantos, os escravos sudaneses trouxeram para o Brasil parte de sua cultura e de suas crenças religiosas, que foram pouco a pouco levadas para dentro de algumas manifestações sincréticas aqui existente, devido aos negros alforriados e aos escravos fugidos que buscavam refúgio nos quilombos, levando ao aparecimento de diversas religiões sincréticas em solo brasileiro no século XIX, muitas delas com base nas Casas de Candomblé.

OS SINCRETISMOS SURGIDOS NA BAHIA DURANTE O PERÍODO IMPERIAL

CANDOMBLÉ DE NAÇÃO

Candomblé de Nação

Com a intensificação da adição de elementos sudaneses às Casas de Candomblé no séc. XIX, estas acabaram por dar origem a uma nova religião sincrética brasileira conhecida como Candomblé de Nação, a qual encerra dentro de si três modelos de culto relacionados as principais etnias e povos trazidos como escravos para o Brasil: a banto, a sudanesa nagô e a sudanesa jeje.



Fonte: www. wikimedia.org

Candomblé de Nação

O modelo de culto banto é o mais difundido em todo o Brasil, podendo ser encontrado principalmente nos estados da Bahia, do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Pernambuco, de Minhas Gerais, de Goiás e do Rio Grande do Sul.

Ele é formado pelas nações Angola, Congo e Muxicongo, cuja principal diferença reside na língua de origem banto utilizada nos rituais.

Candomblé de Nação

Cultuam um deus supremo chamado *Nzambi ou Zambi* e *a natureza deificada,* personificada nas divindades chamadas Inquices.

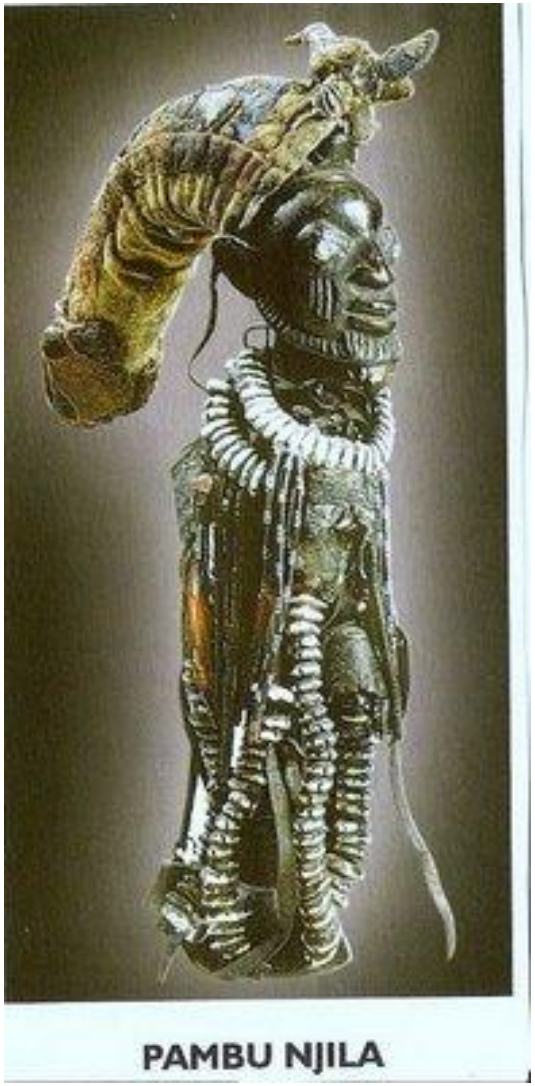
Os atabaques são tocados com as mãos e as cantigas possuem muitos termos em português.

Os fundamentos dos Candomblés de Nação do modelo de culto banto, muitos dos quais incluem ou são baseados nas histórias, lendas e mitos acerca dos Inquices, são passados oralmente pelos sacerdotes da religião, chamados de *Tata Nkisi (masculino) ou Mametu Nkisi (feminino).*

Candomblé de Nação

Alguns Inquices:

Aluvaiá, Bombo Njila, Gongobira, Angorô, Kabila, Kafungê, Kaiangu, Kaitumbá, Katende, Kaviungo, Kingongo, Kisimbi, Kitembo ou Tempo, Kokueto, Lembá, Luango, Mikaiá, Mutakalambo, Ndanda-Lunda, Nkosi, Nsumbu, Ntoto, Nvunji, Zumbarandá, Pambu Njila, Vangira, etc...



PAMBU NJILA

Candomblé de Nação

O modelo de culto sudanês nagô é formado pelas nações Ketu (ou Queto), Efã e Ijexá.

O Candomblé de Nação Ketu é praticado em quase todo o Brasil, principalmente na Bahia, sendo o que apresenta atualmente a maior divulgação nacional entre todos os Candomblés de Nação, devido ao grande número de escritores e cantores baianos que passaram a divulgá-lo.

Candomblé de Nação

Cultuam um deus supremo chamado de Olorun ou Olodumaré e a natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Orixás.

Os atabaques são tocados com aguidavis (espécie de varinha) e as cantigas são na língua iorubá.

Apesar de existir na África cerca de 400 Orixás, só alguns tiveram parte do seu culto preservado no Brasil, em um total que não ultrapassa 40 divindades.

Candomblé de Nação

Um fato que chama a atenção é que algumas divindades que originalmente eram Voduns na África foram adicionadas ao panteão nagô e passaram a fazer parte do ritual, sendo inclusive consideradas no Brasil como Orixás.

Os fundamentos dos Candomblés de Nação do modelo de culto sudanês nagô, muitos dos quais incluem ou são baseados nas histórias, lendas e mitos acerca dos Orixás, são passados oralmente pelos sacerdotes da religião, chamados de Babalorixá (masculino) e Yalorixá (feminino).

Candomblé de Nação

O modelo de culto sudanês jeje é formado pelas nações Jeje-Fon e Jeje-Mahin.

Tanto o Candomblé de Nação Jeje-Fon quanto o Candomblé de Nação Jeje-Mahin são praticados principalmente na Bahia, podendo ser encontrados também no Rio Grande do Sul, em Pernambuco e em São Paulo. Cultuam uma deusa suprema chamada de *Mawu* e a natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Voduns.

Tais divindades são agrupadas em famílias (*Savaluno, Dambirá, Davice, Hevioso, etc.), as quais se subdividem em linhagens*, interligadas entre si por comportamentos, costumes, gostos e atitudes.

Candomblé de Nação

Alguns Voduns:

Agassu, Agbê, Agué, Aguê, Ayizan, Aziri, Dan, Eku, Fa, Gu, Hevioso, Legba, Lissá, Loko, Nanã Buluku, Possun etc...

CANDOMBLÉ DE CABOCLO

Candomblé de Caboclo

Ainda no século XIX, um outro tipo de sincretismo surgiu de dentro das antigas Casas de Candomblé da Bahia, no qual foram preservadas algumas tradições indígenas, fazendo com que um tipo de egum, o Caboclo, ganhasse expressividade, um ritual a parte para si e acabasse por dar nome a nova religião que nascia: o Candomblé de Caboclo.

Candomblé de Caboclo

No Candomblé de Caboclo, a exemplo do que ocorre nos Candomblés de Nação do modelo de culto banto, os atabaques são tocados com as mãos e as músicas são cantadas em português, com uso frequente de termos rituais de origem banto.

Muitos adeptos chegam inclusive a considerá-lo como uma variação do Candomblé de Nação Angola.

Sobre os Caboclos, em vários barracões eles costumam ser divididos em dois grupos:

Os Caboclos de Pena, que representariam os espíritos de indígenas e que usam cocares de penas e os Caboclos de Couro ou Boiadeiros, que representariam os mestiços mamelucos brasileiros das regiões rurais e que usam chapéu de couro.



XAMBÁ

Xambá

No século XIX, a exemplo do que ocorreu na Bahia, tradições religiosas sudanesas nagô foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo banto-católico-ameríndio existente no estado de Alagoas, levando ao surgimento da religião sincrética conhecida como Xambá ou, como dizem alguns, Nação Xambá.

Atualmente o Xambá é praticado em Alagoas, na Paraíba e, principalmente, em Pernambuco, havendo relatos de que tenha se estabelecido neste último por volta da década de 1920.

Cultua Olorum e os Orixás.



Fonte:www. diariodepernambuco.com.br

XANGÔ DO NORDESTE

Xangô do Nordeste

No século XIX, a exemplo do que ocorreu na Bahia, tradições religiosas sudanesas nagô foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo banto-católico-ameríndio existente no estado de Pernambuco, levando ao surgimento da religião sincrética conhecida como Xangô do Nordeste, Xangô de Pernambuco, Xangô do Recife ou Nação Nagô Egbá.

O principal nome pelo qual é conhecida essa religião, Xangô do Nordeste, é oriundo do próprio nome de uma das suas divindades mais cultuadas, o Orixá Xangô.

Cultua Olorum e os Orixás



TAMBOR DE MINA

Tambor de Mina

No século XIX, a exemplo do que ocorreu na Bahia, tradições religiosas sudanesas foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo ameríndio-católico-banto existente na cidade de São Luís do Maranhão, levando ao surgimento da religião sincrética conhecida como Tambor de Mina.

O Tambor de Mina é uma religião típica da cidade de São Luís, podendo ser encontrado também no interior do Maranhão e, em menor quantidade, no estado do Pará.

Tambor de Mina

O Tambor de Mina pode ser dividido em dois grandes modelos de culto: o Mina Jeje, com origem na Casa das Minas (a mais antiga casa dessa religião) e o Mina Nagô, com origem na Casa de Nagô.

O modelo seguido na Casa das Minas é o que melhor preserva a tradição jeje de culto aos Voduns.

As únicas divindades cultuadas são os Voduns, que são agrupados em famílias, cada uma com características e rituais próprios.

TAMBOR DE PAJÉ OU CURA

Tambor de Pajé ou Cura

A Cura é uma religião típica da cidade maranhense de Cururupu, podendo ser encontrado também, em menor quantidade, na capital e no restante do estado.

Diferentemente do Tambor de Mina, a principal matriz sincrética na Cura não é africana: é ameríndia.

Nela podem ser identificados elementos comuns com outra religião sincrética, a Pajelança, e seus rituais estão muito ligados a práticas terapêuticas indígenas.

TAMBOR DA MATA OU TERECÔ

Tambor da Mata ou Terecô

O Terecô é uma religião típica do povoado de Santo Antônio dos Pretos, localizado na cidade de Codó, podendo ser encontrado também em todo o Maranhão e no estado do Pará. Atualmente o Terecô é a mais praticada das religiões maranhense, tendo exercido muita influência sobre as demais surgidas nesse estado ao longo do século XX.

No Terecô, além do culto aos Voduns e aos Orixás, também são cultuados as entidades conhecidas como encantados.

BABASSUÊ OU BATUQUE DE SANTA BÁRBARA

Babassuê

Atualmente o Babassuê é praticado principalmente no Pará e é muito parecido em suas características ao Terecô maranhense, inclusive no aspecto do panteão religioso, onde encontra-se o culto aos Voduns, aos Orixás e aos encantados

BATUQUE

Batuque

O Batuque é praticado hoje em dia principalmente no Rio Grande do Sul, podendo ser encontrado também na Argentina e no Uruguai, principalmente próximo à região de fronteira.

À semelhança do Candomblé de Nação, o Batuque também é dividido em nações, que como naquele também podem ser reunidas de acordo com a etnia africana e os povos que deram origem aos seus rituais.

Assim temos as Nações Ijexá e Oyó de origem sudanesa nagô, a Nação Jeje de origem jeje e a Nação Cabinda de origem banto.

CABULA

Cabula

No século XIX, a exemplo do que ocorreu no nordeste, tradições religiosas da etnia sudanesa foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo banto-católico-ameríndio existente no estado do Espírito Santo, levando ao surgimento da religião sincrética conhecida como Cabula.

Devido a não existência de registros documentais sobre a prática da Cabula em datas recentes, muitos supõem que a mesma tenha se extinguido no século XX por falta de adeptos (culto secreto).

Cabula

O culto da Cabula era denominado de Mesa e ocorria em casas ou nas matas, sendo mais frequente nestas últimas.

A Mesa era presidida por um chefe de culto denominado de embanda, o qual possuía um ajudante chamado de **cambone** e os adeptos eram chamados de camanás.

Os rituais que reuniam embanda, cambone e camanás eram conhecidos como **engira**, a qual era secreta e ocorria geralmente a noite.

Cabula

Sobre a forma como ocorria um engira, Vagner Gonçalves da Silva nos conta que:

"*Os cabulistas, vestidos de branco, dirigiam-se a um determinado ponto da mata, faziam uma fogueira e preparavam a mesa (com toalha, velas e pequenas imagens).*

O embanda entoava um canto preparatório, pedindo licença aos espíritos (Calunga, espírito do mar; Tatá, espíritos benéficos), sendo acompanhado por palmas e por outras cantigas.

Cabula

Durante os ritos, era servido vinho e mastigava- se uma raiz enquanto se sorvia o fumo do incenso, que era queimado num vaso.

As iniciações eram feitas nesse momento.

Um pó sagrado, enba, era soprado para afastar os espíritos inferiores e preparar o ambiente para a tomada do Santé, que significava a incorporação do espírito protetor."

ZUNGU E MACUMBA

Zungu e Macumba

No século XIX, a exemplo do que ocorreu no nordeste, tradições religiosas da etnia sudanesa foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo banto-católico-ameríndio existente no Rio de Janeiro, levando ao surgimento dos sincretismos conhecidos como Zungu e Macumba.

Zungu e Macumba

Os termos zungu e macumba foram usados indistintamente no Rio de Janeiro para designar quaisquer manifestações sincréticas de práticas africanas relacionadas a danças e cantos coletivos, acompanhadas por instrumentos de percussão, nas quais ocorria a invocação e incorporação de espíritos e a adivinhação e curas por meio de rituais de magia, englobando uma grande variedade de cerimônias que associavam elementos africanos (Inquices, Orixás, atabaques, transe mediúnico, trajes rituais, banho de ervas, sacrifícios de animais), católicos (cruzes, crucifixos, anjos e santos) e, mais raramente, indígenas (banho de ervas, fumo).

Zungu e Macumba

A diferença básica entre eles parece ser apenas o período em que estes termos foram utilizados: zungu, em meados do século XIX e macumba, no final do século XIX e início do século XX (substituindo o termo zungu).

À exemplo da Cabula, na Macumba o chefe de culto e o seu ajudante também eram chamados, respectivamente, de embanda e cambone, embora este último também pudesse ser chamado de cambono.

Os iniciados na Macumba eram chamados de filhos(as) de santo.

Zungu e Macumba

Devido a grande penetração que a Macumba tinha na população mais pobre e marginalizada do Rio de Janeiro de fins do século XIX, principalmente os afrodescendentes recém libertos pela Lei Áurea, seu nome acabou se popularizando por todo o país e até hoje ainda é usado para designar pejorativamente qualquer religião afro-brasileira ou ritual que envolva magia.

Zungu e Macumba

É provável que a Macumba tenham desaparecido do cenário religioso carioca devido ao aparecimento da Umbanda e a sua rápida expansão no estado do Rio de Janeiro, principalmente na então capital federal, que teria atraído para si um expressivo números de adeptos da Macumba e a influenciado de tal forma que levaram muitas casas de Macumba a se transformarem em tendas de Umbanda ou em casas de Omolocô ou em casas de Almas e Angola.